

CRÓNICA 56 DIAS DE MELO 24 setembro 2008



pintura de Tomáz Borba Vieira (1974)

“A ESPERANÇA NUM MUNDO MELHOR JÁ NÃO SERÁ PARA MIM, TALVEZ NÃO SERÁ PARA NENHUM DE NÓS E EU REVOLTO-ME COM AQUILO QUE VEJO À VOLTA DE MIM” DIAS DE MELO

Hoje fiquei mais pobre e de novo órfão. Até maio deste ano pouco ou nada sabia sobre Dias de Melo que esteve presente como Escritor convidado no 3º Encontro Açoriano da Lusofonia juntamente com o amigo Daniel de Sá. Eram eles os dois representantes da literatura açoriana que quis dar a conhecer a todos os que nem sequer sabiam da existência da mesma. Dias de Melo é um operário, um agricultor, um pescador, um escultor que trabalha, ceifa, pesca e esculpe cada palavra, como se fosse um baleeiro do Pico, referência constante como o é Mestre José Faidoca, personagem sempre presente nas histórias que também presenciou como homem do mar, pescador, marinheiro, mestre de lancha. Escreve como se da janela da sua casa no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras.

Andei assim apenas quatro meses na descoberta da genialidade, da sinceridade da obra de Dias de Melo (que ainda não estudei na totalidade, mas apenas os títulos reeditados. Foi uma paixão literária à primeira vista, pois a sua escrita flui e embrenha-se como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam ao longo de séculos na luta inglória e injusta para ganharem a vida. Se tivesse que resumir o autor a uma palavra usaria INJUSTIÇA. É da sua denúncia que ele trata ao abordar temas como a emigração, a vida no seu Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão durante o Estado Novo, e em todas, para além dos inúmeros dramas humanos retratados na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça.

Não querendo ordenar classificatoriamente os escritores como se de autores de música popular se tratasse, o certo é que desde que o comecei a ler, Dias de Melo alcançou-se ao lugar cimeiro das minhas preferências e sinto-me extremamente honrado por ter trocado algumas palavras com ele, durante o colóquio e no jantar do primeiro dia de trabalhos. Não o conhecia, mas conhecendo as suas obras e a sua vida de luta ficasse com a sensação de o termos conhecido sempre, de pertencermos à mesma família, uma espécie de alter ego daquilo que gostaríamos de ter sido. Autor e compositor de música popular, Dias de Melo ficará inexoravelmente conhecido como o escritor da baleação e da condição humana. Coube-lhe a sorte de ter recebido algumas merecidas homenagens públicas nos seus últimos meses de vida quando viu a 2 de maio 2008 (na véspera do Encontro Açoriano) reeditar algumas das suas melhores obras. Cumpre-nos a nós não deixar que a sua memória se esvaneça e porfiar para que os seus livros sejam lidos por todas as novas gerações.

Herman Melville na sua epopeia da Moby Dick na qual retrata alguns açorianos, não conseguiu resumir a essência dos baleeiros como Dias de Melo pois este era um espetador atento da sua luta quotidiana e resolveu dá-la a contar ao mundo. Disso vos trago testemunho com a saudade que a sua morte nos deixa a partir de hoje.

Do autor:

Toadas do Mar e da Terra (1950)

“Crónicas do Alto da Rocha do canto da Baía

Das Velas de Lona às Asas de Alumínio” Lisboa, Salamandra. (1991),

Aquém e Além-Canal. Lisboa, Salamandra. (1993),
A Viagem do Medo Maior. Lisboa, Salamandra. (1994),
Memória das gentes 6 vols. (Livro I, três volumes). Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1990), Na Memória das Gentes (Livros II e III, três volumes). Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1992),
Cidade cinzenta
Mar Rubro (1958),
Pedras Negras (1964 Lisboa, Portugália (3.ª ed., Salamandra, 2003; trad. inglesa, 1988; trad. japonesa, 2005). 4ª ed. VerAçor 2008)
Mar pela Proa (1976 Lisboa, Prelo Editora (2.ª ed., Vega, 1986). (1979),).
Vinde e Vede. Lisboa, Editorial Ilhas. (1983)
Vida Vivida em Terras de Baleeiros. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1983, 1985),
O Menino Deixou de Ser Menino. Lisboa, Salamandra. (1992),
Pena Dela Saudades de Mim. Lisboa, Salamandra. (1996),
Inverno sem primavera. Lisboa, Salamandra (2.ª ed., 1997).1999
Milhas Contadas. Lisboa, Salamandra. (2004), Poeira do Caminho. Porto, Campo das Letras.
"Tempos últimos"
"O muro amarelo"
O Autógrafo. Lisboa, Salamandra. (2002),
Poeira do Caminho (2005)

